

ANTÔNIO FLÁVIO PIERUCCI: TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES

Antônio Flávio Pierucci: trajectory and contributions

João Miguel Teixeira Godoy*

Fernando César Butignol**

RESUMO

O objetivo do artigo é propor uma apresentação e avaliação geral das contribuições de Antônio Flávio Pierucci para o estudo das religiões no Brasil, principalmente naqueles aspectos relacionados ao processo de secularização tal como se desenvolvem atualmente. Procura identificar as influências de sua trajetória de vida no seu pensamento e o modo como suas reflexões foram acolhidas e avaliadas na academia brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Secularização. Sociologia das Religiões. Sociedade brasileira.

ABSTRACT

The purpose of the article is to propose a general presentation and evaluation of the contributions of Antonio Flávio Pierucci to the study of religions in Brazil, especially in those aspects related to the process of secularization as they are currently being developed. It tries to identify the influences of his life trajectory in his thought and the way with his reflections were received and evaluated in the Brazilian academy.

KEYWORDS: Secularization. Sociology of religions. Brazilian society.

O campo religioso no Brasil passou por uma inflexão disruptiva nos idos das décadas de 1950 e 60. Esse movimento ocorreu em virtude de inúmeros fatores, mas principalmente a emergência de um violento processo de modernização capitalista da sociedade, sem contudo “desmanchar no ar” algumas estruturas sólidas que, tradicionalmente, marcaram nossa formação social. Isso porque a modernização não pode ser encarada como um movimento geral e homogêneo, mas contempla, incorpora e reproduz funcionalmente elementos da sociedade tradicional, viabilizando, assim, trajetórias alternativas de modernização (EISENSTADT, 2002). O dinamismo da sociedade não poderia deixar de impactar no campo das vivências religiosas no sentido de sua diversificação no âmbito da oferta, e no sentido de introspecção no âmbito da demanda (SANCHIS, 1995). Sendo assim, pode-se afirmar que as próprias expressões religiosas se modernizaram de maneiras distintas e com resultados distintos. O próprio conceito de “campo religioso” começa a

* Docente do PPG Ciências da Religião da PUC-Campinas, Doutor em História Econômica pela USP e docente da Fac de História da PUC-Campinas. E-mail: joaomiguelto@yahoo.com.br

** Graduação em Odontologia pela USP e em História pela PUC-Campinas. E-mail: fernando.cb@puc-campinas.edu.br

fazer mais sentido a partir desse momento, dada a convivência concorrencial entre as várias denominações religiosas que se organizam: católicos, protestantes, protestantes pentecostais e as religiões mediúnicas (GIUMBELLI, 2012). Diante dessa realidade em transformação e como um desdobramento dela, vai, igualmente, articulando-se um segundo campo, ou seja, um campo acadêmico de estudos da religião, paralelo e vinculado ao primeiro, mas também de relações ambíguas entre si, ora de convergência, ora de divergência (STEIL, 2010). Relações sempre problemáticas porque atingem o próprio estatuto científico desse campo de estudos. A proposta do presente texto volta-se para as questões colocadas por estas relações, pensadas a partir da trajetória de um autor específico que procurou pensá-las e equacioná-las de forma criativa e radical.

Este texto resulta, nesse sentido, de uma tentativa de avaliação de parte da obra de Antônio Flávio de Oliveira Pierucci (1945-2012), importante sociólogo brasileiro da religião. Pretendemos, de forma introdutória, não só explorar sua inserção nos debates do campo científico, como também investigar a construção da intelectualidade e mentalidade do autor, que se iniciou no âmbito da Igreja Católica, continuou no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), na figura de Cândido Procópio, e culminou com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, na USP. Nesse sentido, quais foram suas principais linhas de pesquisa? Qual a relação deste pesquisador com o seu objeto e com os seus pares? Como Pierucci se posicionava dentro dos debates acadêmicos? De que forma e para quem Pierucci escreveu? Quais discursos promoveu? As leituras iniciais revelaram um pesquisador preciso, afiado, desafiador e irônico com seu objeto de pesquisa e pares. Seus estudos envolveram não somente a crítica e desconstrução da ideologia católica ou a influência do protestantismo, sobretudo com os pentecostais, no campo político brasileiro, como também descreveram os perfis da direita brasileira, incluindo civis e religiosos, além de esmiuçar, aprofundar e debater os conceitos clássicos da sociologia, especialmente weberiana¹, fazendo uso da “teoria da secularização” e do termo “destraditionalização”

¹ Max Weber, por meio de uma história comparada de diferentes países, buscava entender por que o capitalismo venceu enquanto forma racional e burocratizada de organização social e como o protestantismo, no caso o calvinismo, fundamentou essa vitória, identificando as formas mentais que a religião incutiu nas pessoas. Para ele, a sociologia é feita de ações sociais praticadas por indivíduos, e não uma ciência dos grupos. Critica o marxismo por ficar muito preso à ideia de fenômenos econômicos pura e simplesmente e por uma ideia de causalidade na qual os fenômenos econômicos determinam os fenômenos sociais, culturais, ideológicos, artísticos, etc. Weber não nega que a forma como a economia se organiza afeta diversas outras formas de vida social, mas nega que se possa sempre que se encontra outra

Rev. Teol. Ciênc. Relig. UNICAP, Recife, v. 7, n. 2, p. 187-210, jul./dez., 2017 | Submetido em 01/07/2017. Aceito em 21/11/2017.

para defender uma chave de interpretação do fenômeno religioso que, tanto demonstra o declínio da influência da religião em outras esferas da existência: política, econômica, social e cultural, como privilegia o pluralismo e a diversidade cultural religiosa, o direito e a cidadania, reafirmando a laicidade do Estado democrático como *conditio sine qua non* da liberdade de escolha e da expressão individual e coletiva.

1 OS ANOS POLÍTICOS

Depois de graduar-se em Filosofia (1962-1964) pelo Seminário da Arquidiocese de São Paulo, no qual ingressou aos 11 anos de idade, e em Teologia (1965-1968) pela PUC/SP, Pierucci desistiu da carreira eclesiástica e deixou a Igreja Católica antes de encerrar seu doutorado em teologia dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Em 1971, já transitava pelos corredores do CEBRAP, quando, em 1977, concluiu o mestrado em Ciências Sociais na PUC/SP, sob o título *Igreja católica e reprodução humana no Brasil*, orientado por Procópio Camargo, seu “mestre e grande treinador, quase um guru não fora seu afiado senso de autocrítica” (MARIANO, 2013, p.8). A dissertação foi publicada no ano seguinte, como “*Igreja: contradições e acomodação: ideologia do clero católico sobre o comportamento reprodutivo*”, na qual ele analisa a Igreja Católica “como uma instituição social especificamente empenhada na produção e veiculação de ideologias [...] com vistas a articular, controlar, convalidar o comportamento de indivíduos e grupos” (PIERUCCI, 1978, p. 8), tomando como exemplo a sua relação controversa com a reprodução humana. Fundamentando-se em Weber e Gramsci, Pierucci identificou diferentes morais católicas, dentro e fora do clero: padres não pensam da mesma forma e fiéis não pensam como os padres ou como outros “irmãos”. Nem sempre o que o papa diz é levado “ao pé da letra” pelos clérigos, e nem sempre os fiéis cumprem o sacrifício proposto pela cruz (aliás, de acordo com Pierucci, desobedecer é parte de ser católico). Verifica-se, assim, a existência de um clero diverso que, ao mesmo tempo em que estabelece regras, também faz concessões aos devotos, que, na linha weberiana, representa uma forma adaptativa inerente ao processo de modernização, no qual os valores seculares impõem uma

forma de organização social, fazendo o caminho linear dali até a economia, encontra-se a explicação de porque é assim e não de outro modo.

variedade de catolicismos nos espaços urbanos laicizados. Desde seu primeiro trabalho acadêmico, Pierucci trabalhou com dados censitários. Nesta dissertação, ele analisou dados demográficos religiosos de 1940 a 1970 e, embora advirta que tais dados possam ser arditos, é fato consagrado que o campo religioso brasileiro é dominado pelo catolicismo, ligado sobretudo às estruturas de poder, às classes dominantes, contidas nos 91,9% dos entrevistados do Censo de 1970 que se declararam católicos.

Em 1985, Reginaldo Prandi orientou sua tese de doutoramento em Sociologia pela USP, chamada *Democracia, Igreja e voto: o envolvimento eleitoral do clero paroquial de São Paulo nas eleições de 1982*. Ao evidenciar as diferenças e as semelhanças ideológicas no clero católico nas percepções teológicas e sociopolíticas do conceito de povo e nação, Pierucci deu continuidade aos seus estudos da mentalidade do clero católico, agregando a esfera política ao aspecto comportamental e moral investigados no mestrado. Parte dessa pesquisa amostral compôs seu artigo, *O povo visto do altar: democracia ou demofilia*, de 1986, no qual dirigiu-se a padres de diferentes idades e filiações partidárias (no caso PT e PMDB) da Arquidiocese de São Paulo, com questões sobre a sua percepção do povo brasileiro: quem e como ele é? A igreja exerce influência sobre ele? É sua missão participar de sua formação política? Pierucci mostrou que o discurso clerical continuava autoritário e controlador. O envolvimento dos católicos com a educação política do povo foi visto como positivo por quase 90% dos entrevistados e sua visão do povo brasileiro como “sofredor, explorado, despolitizado, ingênuo” predominava, ao mesmo tempo que criava uma identidade coletiva generalizante a partir de um ponto de vista unilateral. Sabendo da sua influência sobre a população, o clero católico enxergava uma “nação católica”, enquanto se colocava contra o Estado moderno, ateu e secularizado.

Seus estudos extrapolaram a instituição católica - mesmo sem perdê-la do escopo - e, em 1987, com *As bases da nova direita*, Pierucci demonstrou que existiam múltiplas linhagens e diferentes filiações ideológicas na formação dos ativistas políticos de extrema direita (camadas médias urbanas) no período janista (1985) e malufista (1986). Seu universo mental é plural, uma vez parte de diferentes contextos históricos. Ressaltou também o papel da direita evangélica, detentora da mídia policial e da “verdadeira moral”. Descreveu diferenças e semelhanças entre a esquerda e a direita e como a visão que temos sobre elas é parte de uma opinião geral e acrítica. Nessa mesma linha, Pierucci produziu

*Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte*², de 1989 e *O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor*, como segundo autor com Ricardo Mariano, em 1992, além do artigo “*Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994*”, de 1995, em parceria com Reginaldo Prandi.

Pierucci colaborou com Ricardo Mariano nos estudos sobre pentecostalismo e sua influência nas eleições de 1989 por meio de uma pesquisa de campo qualitativa e de gravações orais com fiéis, pastores e políticos pentecostais, observação de cultos e programas de rádio e televisão e material da grande imprensa outros registros impressos. Os autores descreveram que o campo político no Brasil pós-ditadura foi tenso e agitado, quando os pentecostais - sobretudo por meio da Assembléia de Deus e da Igreja Universal, até então afastadas tradicionalmente da política - passaram a ter uma participação político-partidária bem mais intensa e seu apoio a Collor de Mello parece ter sido fundamental para a sua eleição presidencial em 1989, contra Lula. Dois fatores contribuíram para a aversão a Lula e o envolvimento eleitoral com Collor: a associação do primeiro à perda de liberdade religiosa e seu serviço ao imperialismo católico. O aumento no número de políticos evangélicos na época das eleições de 1989 foi bastante expressivo, quase triplicou. De bases conservadoras e de direita, os pentecostais carregavam uma direção política e ideológica sobre Lula e o PT, embasadas na imagem de uma figura “extremista”, “esquerdista”, comunista, ateu e solidária com a expansão imperialista da Igreja Católica no Brasil. Dessa forma, sentindo-se ameaçadas na sua liberdade de culto, as igrejas pentecostais articularam-se entre si e com o candidato Collor de Mello, a fim de garantir seus interesses e a perpetuação de suas instituições e crenças. Revelações divinas e figuras autoritárias reforçaram o engajamento de tal rebanho divino, embora gráficas eleitorais clandestinas e boca de urna tenham participado das estratégias que asseguraram seus medos e temores. Para Mariano e Pierucci ,

A categoria liberdade religiosa é central na interpretação que [esses evangélicos] fazem da vida política [...] sinal de que a questão da liberdade - e das liberdades - tem sempre um movimento diferente conforme o grupo a que se pertence e o deus (ou demônio) que se cultua (MARIANO; PIERUCCI, 1992, p. 105-106).

² No qual demonstra que a eleição de uma bancada de 34 parlamentares evangélicos para o Congresso Nacional Constituinte de 1986 causou espanto geral e definiu esta imersão pentecostal na política como um marco histórico.

Já Com Reginaldo Prandi, Pierucci investigou a relação entre religião e voto nas eleições presidenciais de 1994, constatando que a escolha ou a rejeição de um candidato é influenciada pela religião à qual se pertence, mas que depende também da educação e da ideologia que se recebeu.

Em “*As bases da nova direita*”, de 1987, Pierucci já mencionara brevemente sobre as “*Ciladas da diferença*”, outro importante assunto em suas pesquisas. No entanto, foi somente em 1990 que o tema recebeu a devida atenção com um artigo do mesmo nome. A proposta era investigar “as armadilhas racistas e sexistas presentes nos discursos que focalizam e enfatizam a diferença” (PIERUCCI, 1990, p. 7), um tema definidor das tradições de direita, do qual a esquerda se apropriou. Ele advertiu sobre o período que atravessamos de reemergência dos conservadorismos, que, por sua vez, “faz o feitiço virar contra o feiticeiro”. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa de gravador entre 1986 e 1987, nos bairros de classe média de São Paulo, demonstrando que a mentalidade da direita se constitui pela *diferença*, “por uma idêntica obsessão de afirmar e sublinhar as *diferenças* entre grupos de humanos” (PIERUCCI, 1990, p. 9-10), motivação esta que parece ser mais social do que política. Pierucci explicou que tal discurso é próprio da direita, originário da Revolução Francesa, que se apresenta, de forma mais profunda, como uma “heterofobia”, uma recusa, uma rejeição, uma certeza da diferença, contra uma pretensão jacobina “esquerdopata” que, por meio da promoção da ideologia da igualdade, fraternidade e liberdade, tentava refutar aquilo que é natural e biologicamente diferente. A “nova esquerda” dos movimentos sociais e das minorias, para o autor, apropriou-se recentemente do discurso do “direito à diferença”, mas configurando-se como um “diferente que é igual e plural”. A cilada em que a esquerda se enfiou está em focar um discurso apologético diferencialista, que, ao invés de fortalecer suas próprias bases, robustece a mesma ideologia na direita que a concebeu e que novamente emerge no campo político. Teoria controversa e pouco prática, na visão de Pierucci: a questão é como desconstruir a oposição binária igualdade/diferença, assim como macho/fêmea. Seu argumento é o de que tal antítese deveria ceder lugar à diferença múltipla, ou seja, às *diferenças dentro das diferenças*, contemplando a variedade histórica e uma diversidade mais intrincada. Que continuemos insistindo nas *diferenças*.

2 TRADIÇÃO VERSUS MODERNIDADE

Foi a partir da segunda metade dos anos 1990 que importantes estudos sobre secularização e des-traditionalização religiosa ganharam espaço e acompanharam Pierucci até a sua morte em 2012. Mergulhou de cabeça na polêmica “teoria da secularização”, e na clara posição de defensor e promotor dos tempos desencantados atuais e, embasando-se nos conceitos de Bourdieu e Weber, refletiu criticamente sobre a sociologia da religião feita por “pesquisadores religiosos” e duelou ferozmente com seus adversários, mesmo reconhecendo sua desvantagem neste campo.

De um lado, estavam os pesquisadores (sociólogos da religião) chamados de “revanchistas de Deus”, para os quais “a religião não morreu” e que há uma “fé generalizada em Deus”. Defendem o fim da “teoria da secularização” e um “reencantamento” do mundo (principalmente do primeiro mundo), denominado também de “pós-secular”: um novo período de abordagem da religião pela ciência, uma “condição pós-moderna” que naturalmente implicaria no abandono do uso da secularização pelos sociólogos e de uma ruptura com o próprio Weber³. Os fenômenos da dessecularização se evidenciam com o crescimento e revitalização das religiões, de forma mais abrangente com os “Novos Movimentos Religiosos” (NRMs) - “um fato social incontestável” - e de forma menos abrangente com a recuperação da imagem do papado, com os programas de televisão de evangélicos e o fundamentalismo islâmico. Para os “defensores do reencantamento”, a modernidade (enquanto racionalismo e materialismo) retraiu a religião. A pós-modernidade significa o retorno do sagrado, o retorno de Deus. No Brasil, para tais cientistas sociais, parece que nem desencantamento houve, muito menos, secularização, reencantamento, dessecularização, etc.

Do outro lado, no qual se encontrava Pierucci, estavam os sociólogos da religião que advogam um declínio, uma perda de espaço crescente da influência da religião sobre as esferas da existência, e que se restringe, atualmente, ao campo privado-particular⁴. Para

³ Andrew M. Greeley, Daniel Bell, Joseph H. Fichter, James T. Richardson, Rodney Stark, William S. Bainbridge, Laurence R. Iannaccone, Jeffrey K. Hadden, Timothy Crippen, William H. Swatos, Lísias N. Negrão, Alejandro Frigerio.

⁴ Sabino Acquaviva, Bryan Wilson, Thomas Luckmann, Cândido P. F. de Camargo, Roberto Cipriani, Talcott Parsons, Richard K. Fenn, David Martin, Carlos R. Brandão, Karel Dobbelaere, Giacomo Marramao, Bryan S. Rev. Teol. Ciênc. Relig. UNICAP, Recife, v. 7, n. 2, p. 187-210, jul./dez., 2017 | Submetido em 01/07/2017. Aceito em 21/11/2017.

esses, a religião deixou de ser o centro da coesão social e uma matriz cultural totalizante, dissociando-se do direito, da ética, da arte, do entretenimento, da filosofia e da ciência, e legitimada, subordinada e controlada pelo Estado laicizado no qual as esferas da produção cultural, do lazer, da cultura jovem e da ciência cada vez mais fortalecem o seu aspecto secular. Mas como explicar a fermentação religiosa atual? Vivemos um processo secular ou um *revival* religioso? Não obstante, a questão é mais densa: o interesse religioso é próprio da espécie humana? De onde vem a necessidade e o argumento metafísicos?

Mas, nesse caso, filosofemos menos e voltemos aos fatos... Pierucci elucida que os novos movimentos religiosos (NMRs), isto é, tudo aquilo que é novo no campo religioso, sejam grupos ou formas de vivência religiosa, precipitaram as teses sobre o declínio da secularização e o “retorno do sagrado”. Entretanto, teorias como a de Bryan Wilson, à qual Pierucci tecia elogios, explicam que a secularização⁵ é a causa e a explicação da fermentação religiosa atual, relativizando os compromissos religiosos e reduzindo-os a itens de consumo, que, se aumentam a oferta de serviços e a capacidade de livre escolha, não acrescentam nada “para as instituições sociais dominantes, para a dinâmica do poder político, para os processos tecno-econômicos, para a administração pública e a condução dos negócios” (PIERUCCI, 1997, p. 113), exceto para o plano privado-individual. Nesse sentido, observa-se a compatibilidade dos dois fenômenos: a mobilização religiosa misturada com a secularização, o “destino do nosso tempo” de Weber, para quem “a racionalização secularizante causa e explica a vitalidade do sagrado na esfera privada”. Assim, não existe crise do paradigma secular, uma vez que se passa do monopólio e hegemonia de uma só religião para um cenário diversificado e plural da religião.

Flávio Pierucci sempre foi bastante claro nas suas posições acadêmicas e tinha a convicção epistemológica de que a “sociologia da religião só tem cabimento se for capaz de uma sociologia da modernidade religiosa” (2008, p. 9) e concorda com o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas quando este afirma que o objeto da teoria da

Turner, Roy Wallis, Jean Séguéy, Thomas Robbins, Steve Bruce, Frank J. Lerner, Liana Giorgi, A. F. Pierucci e R. Prandi.

⁵ Quanto à durabilidade do processo secular, a expressão *Shifting involvements*, proposta por A. Hirshman (1983), explica que a secularização é um processo irregular e oscilante que contém tanto momentos de contração quanto de expansão dos limites do campo religioso (entre a esfera religiosa e vida privada). Para Pierucci, existem momentos de mobilização religiosa que podem se seguir por um total desengajamento e desinteresse. Isso se torna mais claro dentro de curtos períodos de tempo.

Sociologia é a passagem das sociedades tradicionais para a sociedade moderna. Pierucci observou a irreversibilidade do processo de modernização capitalista e seu impacto na sociologia da religião, cuja tese macrossociológica da secularização, considera, sobretudo, três fatores do desenvolvimento da modernidade ocidental: a) a crescente diferenciação estrutural dos espaços sociais, especialmente a separação da religião da esfera política; b) a privatização da religião e c) a redução da importância macrossocial do objeto religioso: suas crenças, instituições e atores. Desses três pilares, em matéria de modernidade secular, Pierucci preferia a “secularização do Estado”: um componente fundamental do conceito histórico-social de secularização do qual a modernidade não pode abrir mão! Diferente das oscilações religiosas da vida secular, o Estado laico, com seu ordenamento jurídico, deve manter-se firme e fortalecido na sua competência de garantir a liberdade religiosa, isto é, a liberdade de não ter religião, de promover a diversidade e vitalidade da sociedade, as liberdades públicas e os direitos de cidadania. Pierucci afirma:

Em vez de ficarmos a nos agastar girando em falso em torno de uma controvérsia insolúvel a respeito da extensão maior ou menor da secularização entendida como secularização da vida das pessoas, ou mesmo, vá lá, da secularização cultural, seja lá o que isso queira dizer, creio que só teremos a ganhar, tanto no plano teórico como no prático, se voltarmos a pensar que *a secularização que importa em primeiro lugar [...]* é a secularização do Estado como ordem jurídica. (PIERUCCI, 2008, p. 12)

Durante o século XX, o Brasil assistiu a uma crescente secularização do Estado com a imposição de limites à sua competência religiosa, com a desregulação jurídico-estatal da vida religiosa e a liberação da economia das crenças religiosas. A laicização constitucional do Estado é um fato histórico concreto. Deixamos de ser uma “nação católica” colonial e imperial para atingirmos, com a República laica e secularizada, o que Pierucci chama de “modernidade religiosa”, que se caracteriza pela ampliação das escolhas religiosas, paralela ao aumento da livre concorrência e da oferta religiosas. Resumindo num *flash pierucciano*: “a secularização no plano jurídico-estatal conduziu à liberdade religiosa no plano individual que gerou um agito religioso no plano cultural”.

3 OS ANOS DA MATURIDADE

A virada para o século XXI apresentou um Pierucci mais amadurecido intelectualmente, o qual buscou um consenso para o então polissêmico conceito de “secularização” por meio de um trabalho refinado sobre a especificidade de seu objeto, na forma de uma análise que destaca a interface secularização/normatividade jurídico-política, na qual o Estado nacional moderno, enquanto fato histórico, fundamenta o processo de racionalização e dominação que justificam e asseguram o crescimento e consolidação do processo secular, junto à uma crítica ferrenha à postura acadêmica atual de antropólogos culturais e sociólogos da religião, que não só não sabem ler e interpretar Max Weber, julgando-o evolucionista e teleológico, como também são vítimas da síndrome do autoengano. Ele se mostrava claramente insatisfeito com os diferentes sentidos que o conceito weberiano adquiria com alguns antropólogos culturais e sociólogos da religião, que desviavam o debate sobre os aspectos mais fundamentais do tema, isto é, sua relação com o Estado moderno e com o pensamento político moderno. Dessa forma, a fim de especificar seu objeto de estudo e tornar os debates mais produtivos a respeito do assunto, Pierucci, por meio de uma pesquisa histórico-filológica, buscou as origens (um termo polêmico para o historiador⁶) e os diferentes usos no tempo da expressão “secularização”, conforme esquematizado a seguir:

- a) *No direito eclesiástico do catolicismo*: H. W. Sträß (1976 e 1983) aponta a origem do termo no direito eclesiástico do catolicismo: o *Codex Juris Canonici*, cujo significado é o de “transferir um religioso do clero regular ao clero secular”, o que, para Giacomo Marramao (apud PIERUCCI, 1998, p. 21) revela que o termo, nos seus primórdios, já continha, embora apenas virtualmente, a dualidade celeste/terreno, espiritual/mundano, contemplativo/ativo;
- b) *Na Reforma Protestante e na Paz de Westfália*: Giacomo Marramao (1983) explicita que a palavra “secularização” surge na “época da Reforma, originalmente no âmbito jurídico para indicar a expropriação de bens

⁶ Cf. BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Fonte digital, p. 56. Disponível em: <<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf>>.

eclesiásticos em favor dos príncipes ou das igrejas nacionais reformadas”: um “processo de subtração de um território, ou de uma instituição, da jurisdição e do controle eclesiástico” (idem, p. 22); este mesmo tipo de concepção do termo será empregado nas conversações prévias à paz de Westfália, em 1648, nas quais, de acordo com Hermann Lübbe, falou-se pela primeira vez que de secularização, no período das guerras religiosas, significando “unicamente a passagem de determinadas instituições do poder espiritual para o poder profano”: “territórios secularizados” que consolidam as igrejas protestantes e a desfeudalização;

- c) A “*Grande Secularização*” alemã de 1803: um evento histórico iniciado pelas investidas napoleônicas na Alemanha no início do século XIX, que carrega a palavra em seu título, resultando numa espoliação quase total da igreja alemã, confiscação de seus bens e posses materiais para os príncipes laicos; o que consolidou o conteúdo do termo em torno do sentido jurídico-político, com carga mais negativa. Segue-se uma expansão semântica do termo, tornando-se uma pretensiosa categoria histórico-filosófica de interpretação da gênese do mundo moderno e de emancipação da sociedade burguesa;
- d) Em Max Weber: sua Sociologia do Direito, contida na obra *Economia e Sociedade* (1910-1922), embora traga diferentes contextos e sentidos para a palavra, citada oito vezes, ajuda-nos a refletir o termo no sentido de “decadência do poder hierocrático”; em *A Ética protestante e o Espírito do Capitalismo*, de 1903, a expressão aparece três vezes, na forma de perda e apagamento dos vestígios religiosos; no ensaio *As seitas protestantes e o espírito do capitalismo* (1906), aparece duas vezes, como um processo característico da modernidade de declínio da religião; de acordo com Pierucci, a desproporção entre o aparecimento do termo no direito e em outras obras de Weber tem a intenção de designar que o objeto é, “no seu cerne, naquilo que realmente conta, jurídico-político”.

Em 2001, Pierucci defendeu sua tese de livre-docência⁷, atento às mudanças econômicas, sociais e culturais de um processo de modernização republicano cujos efeitos também podiam ser constatados claramente no campo religioso brasileiro pós-tradicional. Nesse sentido, Pierucci reformulou o conceito de “destraditionalização religiosa”, utilizando o conhecimento herdado de Cândido Prociópio - outro entusiasta de Weber - de individualidade, subjetividade e racionalização dentro de uma sociologia da modernidade religiosa, que é dinâmica, mutante, racional e “vetor de mudança cultural em detrimento da tradição e do tradicionalismo religiosos”. A religião que interessa a Pierucci é aquela “como possibilidade de ruptura e inovação, a mudança religiosa e, portanto, a mudança cultural”. Ele não negava o crescimento das religiões e religiosidades, mas o inseria num contexto de desregulação estatal da religião, liberdade e pluralismo religiosos, e, de acordo com Mariano :

Não esperava outra coisa senão mais mobilização religiosa e sucesso dos grupos mais ativamente dedicados ao proselitismo, mas também maior trânsito religioso e destraditionalização religiosa, maior individuação e subjetivação da religião, mais inovações, bricolagens e sincretismos religiosos, mais experimentações privatizantes, heterodoxas e reflexivas da religião, mais defecções religiosas, além de mais disputas, polêmicas e conflitos religiosos, culturais e políticos (MARIANO, 2013, p. 11)

Secularização também significa desenraizamento, dessacralização da cultura, destraditionalização, trânsito religioso, apostasia sem culpa: “liberdade religiosa implica um grau mínimo de pluralização religiosa; e o pluralismo religioso não é apenas resultado, mas fator de secularização crescente” (PIERUCCI, 1997, p. 115).

Enquanto cidadão e sociólogo materialista da religião, a militância político-ideológica de Pierucci preocupava-se menos com o envolvimento crescente entre religião e política (“é o tipo de envolvimento que passa”, ele dizia) ou com outras formas de secularização que não fosse a “secularização do Estado como ordem jurídica”, o alicerce básico para um conceito crítico a ser adotado por cientistas sociais e historiadores. Ferrenho defensor das liberdades civis e políticas, das leis e do Estado democrático de

⁷ Na qual trabalha com os dezessete usos que Max Weber faz do conceito de desencantamento do mundo (desmagificação), realçando “seu ponto de vista *sem-religião* da religião” e sua perspectiva materialista. Ele também questiona a natureza e necessidade humanas na sua relação com a religião.

direito, sua honestidade e publicidade intelectuais lhe renderam debates fervorosos dentro de um campo científico no qual o poder e a ganância andam juntos à caridade e salvação.

4 ALGUNS EIXOS DO PENSAMENTO DE PIERUCCI

O objetivo deste artigo não foi somente o de reproduzir ou descrever acriticamente o pensamento de Antônio Flávio de Oliveira Pierucci - o que já seria um tipo de conhecimento bastante interessante - mas sobretudo organizá-lo. Nesse sentido, entendemos que a produção de diferentes temas e discursos está diretamente condicionada aos contextos históricos e acadêmicos específicos de sua carreira. Procuramos, de forma complementar, decifrar suas ideologias e símbolos, assim como sua contribuição para as pesquisas sobre o fenômeno religioso na modernidade secularizada. Dessa forma, de acordo com Mariano (2013), podemos sistematizar o pensamento de Pierucci em três fases distintas e complementares, no tempo e na mentalidade:

- a) Entre a segunda metade dos anos de 1970 e a primeira metade dos de 1980;
- b) Entre a segunda metade dos anos de 1980 e primeira metade dos de 1990;
- c) Entre a segunda metade dos anos de 1990 até 2012, ano do seu falecimento.

4.1 Entre 1975 e 1985: formação e especialização

Pierucci dedicou-se, neste período, exclusivamente ao desenvolvimento do mestrado e doutorado, pesquisando sobre a relação entre Igreja Católica e reprodução humana no primeiro, e sobre a participação do clero católico nas eleições estaduais de 1982, no segundo. Nesse sentido, foi uma fase de profunda imersão e especialização na Sociologia da Religião. Sua estreia no campo científico foi muito marcada pela teoria e metodologia de Cândido Procópio Ferreira de Camargo⁸. Pierucci absorveu e aplicou

⁸ Procópio Camargo estudou especialmente os processos de mudanças religiosas, aos quais dá o nome de “internalização”. As religiões “internalizadas” são sintomas da modernização, modelos de orientação de vida para uma sociedade em intensa mudança, conceito este cujo ponto de partida está em Max Weber, para o qual a modernidade é desencantada e cada vez mais distante do sagrado. De forma complementar, suas leituras de Karl Marx e Clifford Geertz contribuíram com conceitos sobre consciência religiosa, tanto *Rev. Teol. Ciênc. Relig. UNICAP, Recife, v. 7, n. 2, p. 187-210, jul./dez., 2017* | Submetido em 01/07/2017. Aceito em 21/11/2017.

magistralmente a ideologia do mestre. Adicionalmente, a Academia inseria-se na conjuntura de abertura política no Brasil, um momento propício para exercer as tendências de oposição, de esquerda, apoiadas por uma disciplina laica e pelas teses marxistas. Embora pressionado por uma “sociologia do catolicismo” - cuja hegemonia será criticada mais tarde por ele -, Pierucci serviu-se dos modelos clássicos da Sociologia, especialmente Max Weber - “um monstro sagrado da Sociologia” - por cuja obra alimentava intensa admiração, para fundamentar uma chave de interpretação racional e materialista (à qual podemos adicionar Marx, Gramsci e Bourdieu). De forma complementar, os dados estatísticos e demográficos realizados por órgãos como o IBGE e a Datafolha, fizeram parte, desde os primórdios de sua carreira até sua morte, das explicações e argumentos relacionados à perda de hegemonia da Igreja Católica e ao fortalecimento da pluralidade religiosa no Brasil moderno.

O sociólogo e demógrafo Reginaldo Prandi, orientou sua tese de doutorado e lhe deu liberdade científica para questionar e analisar o perfil do clero arquidiocesano de São Paulo, instituição que, como vimos, abandonara há 15 anos, e que agora retornava com outros objetivos. Tanto o doutorado quanto o mestrado destacaram estudos das formas mentais dos clérigos paulistanos e como estas poderiam: a) configurar a imagem que os eclesiásticos têm de si mesmos; b) intervir na educação e salvação dos fiéis, conferindo-lhes identidades convenientes; c) revelar pontos de vista e condutas diferentes dentro de um corpo clerical tão diverso quanto a relação dele com a massa de fiéis na sua moralidade e ideologia católica; d) explicar a mistura, o “borramento”, como Pierucci costumava dizer, do campo religioso com o campo político e científico e e) denunciar as formas ideológicas e autoritárias da instituição católica.

aquela que legitima quanto a que desautoriza a sociedade vigente. A lente sociológica de Procópio privilegiava as mudanças, rupturas, apostasias, conversões e reconversões. Em outras palavras, escolhas religiosas mais conscientes e adaptadas ao mundo capitalista - que não precisa de religião -, no qual as distâncias culturais, econômicas e sociais aumentam, assim como a diversidade religiosa. Para o autor, a “associação voluntária” a uma religião é um dos pilares de uma sociedade democrática, pautada pela escolha consciente e pela responsabilidade individual.

4.2 Entre 1985 e 1995: estudos multidisciplinares

Nesta segunda fase profissional e intelectual, encontramos um pesquisador envolvido com partidos e eleições. Suas pesquisas eleitorais e sobre as bases populares dos partidos e plataformas políticas da direita resultaram nos seguintes artigos: “*As bases da nova direita*”, de 1987; “*Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte*”, de 1989 e “*O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor*”, de 1992; “*Religião e voto: a eleição presidencial de 1994*”, de 1995. Vimos que, desde cedo, Pierucci fez largo uso das pesquisas de campo, coletando informações por meio de questionários e gravações, que, posteriormente, geraram resultados tanto quantitativos como qualitativos. Além do clero paulistano, uma base importante de dados para o seu mestrado e doutorado, seu objeto de estudo passou a incluir as camadas médias urbanas e o universo pentecostal, com seus políticos, pastores e fiéis. Pierucci nutria especial interesse pelos movimentos de extrema-direita, suas bases eleitorais e partidárias. Percebeu que o conservadorismo - mais moral que político - rondava o período pós-ditadura, preocupado em manter seus privilégios e interesses, com seu modo natural e oculto de agir (ninguém confessa sua “destreza”), seu “elogio à diferença” e sua intolerância inata, pronto e atento para assediar e garantir o seu lugar no jogo político.

Os resultados das pesquisas expuseram alguns pontos interessantes: em primeiro lugar que os paulistanos urbanos, ativistas de extrema-direita e eleitores de Jânio Quadros e Paulo Maluf, formavam um universo mental bastante variado na sua forma de conceber e apoiar suas ideologias; em segundo lugar eles chamaram a atenção para o papel da direita evangélica⁹ e, em terceiro lugar, os pesquisadores observaram que a religião pode determinar fortemente o voto, embora isso também dependa da educação e de ideias pré-concebidas de cada um. Pierucci confessou, nessa época, que foram as pesquisas sobre “direita e diferença” que o conduziram para outro tema, os discursos diferencialistas, que

⁹ Sobre o aparecimento de uma direita cristã na cena política brasileira, Mariano (2013, p.10) destaca “sua ruptura com o apolitismo sectário, seus pensadores moralistas, suas investidas fisiológicas, suas alianças e filiações político-partidárias esmagadoramente de direita, sua defesa contumaz da liberdade religiosa contra o “comunismo petista” e sua estratégica participação na primeira eleição presidencial pós-ditadura”.

geraram um livro e um artigo, chamado “*Ciladas da diferença*”, de 1990. Em 1987¹⁰, com “*As bases da nova direita*”, ele já buscava definir diferenças e semelhanças entre a esquerda e a direita brasileira e nos instigava a questionar as nossas opiniões sobre o que significavam. Afinal, a esquerda acadêmica também buscava garantir seu espaço no campo político-científico. No entanto, ao se deparar com um discurso da “nova esquerda” que valorizava, tematizava e defendia a diferença (esquerda da qual ele também fazia parte), discurso este originalmente da direita, suas admoestações convergiram para as “ciladas teóricas” contidas nesta escolha, quando, num momento em que a direita se reerguia, tais discursos poderiam se transformar em uma “faca de dois gumes” para a esquerda. Dessa forma, Pierucci os denominou de “reaparições e conjuntos ideológicos usados pela direita na resistência aos direitos humanos e valores republicanos” e aconselhou que a esquerda continuasse se ancorando na igualdade e que aprendesse a superar a oposição igualdade/diferença.

4.3 Entre 1995 e 2012: por uma sociologia científica da religião

A partir da segunda metade dos anos 1990, Pierucci dedicou-se em debater a cientificidade da sociologia da religião no Brasil, cuja produção misturava pesquisadores religiosos e laicos. Seu principal argumento, de acordo com Camurça (2000, p. 68-69), era o descrédito da sociologia das religiões perante as demais ciências sociais, em razão de uma “contaminação religiosa da prática intelectual”, que se originara com o envolvimento do clero católico brasileiro com o meio acadêmico nos anos 1960, a fim de diagnosticar sua perda de espaço no campo religioso e de buscar novas formas de reinventar-se. Dessa forma, Pierucci queria evitar o “jogo duplo” ou o “duplo benefício” deste comprometimento movido por interesses pastorais que resultavam em oportunidades proselitistas e numa pseudo-ciência, pela ausência de imparcialidade intelectual, afetada por dramas afetivos-existenciais e alicerçada na temática do “retorno do sagrado”. Pierucci recorreu, embora reconhecesse sua desvantagem nesta contenda, sobretudo à “teoria da

¹⁰ Vale ressaltar que Procópio Camargo faleceu neste ano e que mesmo as turbulências políticas, religiosas e acadêmicas, não impediram Pierucci e Reginaldo de Prandi de escreverem o artigo “*Assim como não era no princípio: religião e ruptura na obra de Procópio Camargo*”, como forma de agradecimento e reconhecimento pela obra deste grande mestre sociólogo da religião.

secularização", estreando com o artigo *Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião*, de 1997, no qual defende o declínio crescente da religião enquanto fator de coesão social e cultural e a complementaridade - e não oposição - entre laicização e expansão dos movimentos religiosos. Apoiou-se especialmente em Pierre Bourdieu¹¹, no texto *"Sociólogos da crença e crença dos sociólogos"*, de 1990, nos seus argumentos, utilizando suas advertências na discriminação entre profissionais do campo religioso e do campo científico.

Em 1998, ele publica *"Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido"*, artigo com o qual ele demonstrou seus cuidados com o conceito de secularização, ao "recalibrá-lo, delimitá-lo e precisá-lo rigorosamente", para, como ele mesmo dizia, não só saber do que se está falando, mas também tornar os debates mais frutíferos e focados no nível estatal-jurídico, e não pessoal-privado. Nessa mesma linha, foram publicados *"Sociologia da Religião: área impuramente acadêmica"*, de 1999, e sua tese de livre-docência, em 2003, *"O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber"*.

De forma complementar, de acordo com Mariano (2013), nesta fase de sua vida acadêmica, Pierucci também trabalhou intensamente com o tema da "destraditionalização religiosa". Em 2004, ele publicou o artigo *"Bye bye Brasil: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000"*, no qual demonstra, por meios estatísticos e demográficos, que as religiões tradicionais no Brasil vêm sofrendo um declínio contínuo, um atributo do processo de modernização, reflexão esta aprofundada com o trabalho de 2006, *"A religião como solvente: uma aula"*. Dessa forma, seus dois últimos trabalhos, *"De olho na*

¹¹ Na obra *Economia das trocas simbólicas*, Bourdieu define a religião como um conjunto de práticas e representações que se revestem de caráter sagrado, uma forma de linguagem ou sistema simbólico de comunicação e pensamento, uma força estruturada e estruturante que dá sentido e experiência social vivida. A religião responde a demandas sociais e legitima grupos sociais, e suas práticas e representações são produções internas do campo religioso. Ele privilegia a teoria do poder e das disputas simbólicas nos campos, utilizando os típicos ideais weberianos. O campo religioso funciona com capital religioso, na forma do monopólio dos bens de salvação e do exercício do poder religioso. A autoridade vai depender da força material e simbólica das classes e da satisfação de seus interesses religiosos. A ordem simbólica contribui fortemente para a ordem política. Dessa forma, a dinâmica do campo reproduz os comportamentos ortodoxos de uma classe dominante com maior capital disputando com posturas heterodoxas com menor capital, em outras palavras, re-criando o Jogo Mestre. O campo religioso é o espaço de tensão entre a religião estabelecida e de maior capital buscando desautorizar atores, ações e instituições que contestam seu monopólio da produção e circulação dos bens de salvação. E o leigo, que para Weber, Bourdieu e Pierucci não nasce religioso, transita entre esses dois lados.

modernidade religiosa", de 2008 e "*Sociologia da religião, uma sociologia da mudança*", com Ricardo Mariano, de 2010, Pierucci relacionou o declínio da tradição religiosa com a necessidade de fazer uma sociologia da religião que fosse uma "sociologia da modernidade religiosa". Ele apaixonadamente reconhecia que a ciência e o Estado secular, democrático de direito possibilitavam e asseguravam a pluralidade, a liberdade individual e o conhecimento real. Paixão que foi sua força e fraqueza.

5 PROBLEMATIZANDO O PENSAMENTO DE PIERUCCI

Para Camurça (2000), é fundamental problematizar a unilateralidade da insatisfação emocional-intelectual constante de Pierucci com as produções acadêmicas, sem perder de vista sua importantíssima contribuição para o debate. Nesse sentido, o autor nos convida a refletir sobre seus posicionamentos acadêmicos, às vezes um pouco radicais e com alguns deslizes, evidenciando que a) seu reclamado rigor científico confundiu-se com um "combate militante" e um "patrulhamento ideológico"; b) a falta de uma análise mais profunda dos trabalhos criticados por Pierucci bloqueou sua verificação de novas e diferentes tendências; c) a exclusividade da "teoria da secularização" - enquanto *locus* teórico - não só reduziu a pluralidade teórico-metodológica inerente às ciências sociais, como também demarcou a produção em sociologia da religião; d) a subjetividade predominou sobre o determinismo sócio-religioso e que tanto os ateus quanto os cientistas podem apresentar pontos favoráveis e desfavoráveis na investigação do fenômeno religioso; e) a crítica de Pierucci às fronteiras "borradas" e "elásticas" entre ciência, política e religião bloqueou um intercâmbio rico de ideias e de construção do saber; f) as ideias do autor sobre o desprestígio científico sofrido pela sociologia da religião se alicerçam mais na passionalidade do que na sua racionalidade, acompanhados de certo grau de narcisismo acadêmico e intelectual; g) sua apropriação de Bourdieu não foi "desinteressada"; h) o estudo de outros autores que também realizaram uma "sociologia da sociologia da religião", como Paula Montero, Rubem Alves e Rubem César Fernandes, auxilia na superação da visão unilateral de Pierucci.

A fim de compreendermos a mentalidade de Pierucci, o estudo de Herrera (2004) aponta algumas diferenças teóricas, metodológicas e pessoais entre ele e o antropólogo

das religiões Otávio Guilherme Cardoso Alves Velho. É interessante observar como as rupturas e crises de cada um deles, dentro de uma trajetória pessoal e profissional, levaram-nos a experimentar os dois lados: o racional e o religioso, à sua maneira, dentro de um contexto próprio. Pierucci migrou de um homem jovem e religioso católico para um cientista social sério e severo com seu objeto de pesquisa, enquanto Otávio Velho se formou cientista social, ingressando mais tarde no Protestantismo, mesmo reconhecendo, posteriormente, que o Partido Comunista foi sua melhor igreja. Teriam ambos misturado a vida pessoal, a experiência de existir, com as escolhas teóricas e metodológicas de suas pesquisas?. De qualquer forma, e a favor de um quadro teórico-metodológico mais plural, propomos o esforço de apreciá-los igualmente, buscando exceder a armadilha binária existente entre religiosos e não-religiosos. A Tabela 1, a seguir, compara, de forma prática, suas bases teóricas, a forma como cada um deles se apropriou do conhecimento e expressões weberianas, quais suas visões sobre a relação pesquisador/objeto religioso e suas metodologias.

Tabela 1 – Esquema comparativo entre Antônio Flávio Pierucci e Otávio Guilherme C. Alves Velho

Referência	Pierucci	Otávio Velho
Teoria	Modernidade, Secularização, Diferenciação das esferas sociais, a religião não organiza nem influencia a sociedade	Pós-modernidade, Des-diferenciação das esferas do social (porosidade), a religião pode mudar os diferentes domínios da vida social
Usos de Max Weber	“Destino do nosso tempo”: Racionalidade, intelectualização; “Tempo do espírito desencantado”	“Tempo do espírito”, Carisma
Características negativas da relação do pesquisador com o objeto religioso	“Simpatia excessiva” e entusiasmo pelo objeto, vínculo religioso	Olhar excessivamente secularizado e identificação negativa, dualismo entre secularistas e religiosos
Metodologia	Crítica (sujeição e subordinação), dúvida, suspeita	Caridade, releitura dos clássicos e abandono do privilégio de observação

Fonte: (HERRERA, 2004)

O sociólogo José de Souza Martins (2012) compartilhou algumas impressões pessoais e acadêmicas sobre Pierucci (o qual não o poupou de seus polêmicos

juízos): “um paulistano de perfil provinciano na linguagem e na mentalidade”. Os pesquisadores paulistanos, para Martins, são mais introspectivos, de relacionamentos pessoais mais difíceis na Universidade e tendem a expressar certa tensão autodestrutiva. Pierucci é proveniente de uma cultura que encaminha o filho ao sacerdócio, que significava ascensão social, com traços fortes da personalidade do imigrante italiano: desconfiado, que se sente “fora de lugar” e temeroso de perder seu lugar e aquilo que conquistou, minimizando, assim, os outros. Seus julgamentos sobre os colegas eram muitas vezes depreciativos e desrespeitosos, além de ter tido uma visão um pouco deslocada do Departamento de Sociologia da USP, no qual ingressou após a ditadura e as conturbações acadêmicas. Formou-se inicialmente em Filosofia e Teologia, especializando-se nas Ciências Sociais a partir do contato com o CEBRAP e por meio do apadrinhamento por Cândido Procópio Ferreira. Seu depoimento, para Martins (p. 197), “reflete uma cultura corporativa e fechada de quem teve formação eclesial e foi socializado nos parâmetros limitantes do seminário” e sua narrativa é, às vezes, mais centrada nas pessoas do que no conhecimento, mais preocupado com intenções ocultas e de fácil indução à crítica e ataque pessoais aos colegas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que a trajetória/obra intelectual de Pierucci, seus temas eleitos e métodos de pesquisa preferidos, apresentou coerência e profundidade intelectuais dentro de um universo subjetivo, determinado por um contexto histórico específico. Nesse sentido, embora sua unilateralidade conduzisse à superficialidade científica em razão da veemência e do frenesi argumentativos, sua capacidade de erudição, de desenvolvimento e de aprofundamento de determinados temas também revelaram um pesquisador atento às peculiaridades e mudanças do seu tempo e alinhado às tendências interpretativas mundiais de filósofos, cientistas sociais e historiadores. Ele foi parte ativa de uma sociologia da religião diferenciada e emergente, iniciada com os estudos de Procópio Camargo, cujas marcas teórico-metodológicas se mantiveram posteriormente em inúmeros discípulos, num contexto pós-ditadura e de processo de abertura política e de democratização do país, que assistia ao surgimento de novas dinâmicas e atores – e consequentemente do tensão

e disputa - nos campos científico, religioso e político inseridos na modernidade brasileira. Certamente, Pierucci não foi ingênuo em seus posicionamentos e nem produziu uma sociologia desinteressada ou desintencionada. Mesmo assim, seus estudos, em todo seu conjunto, e, especialmente a teoria da secularização, mostram-se fundamentais e atuais dentro de um debate sobretudo político, no qual a ascensão do conservadorismo, de movimentos coletivos pré-fascistas, do militarismo e de diversas formas de autoritarismo continuamente ameaçam o papel do Estado laico e os direitos fundamentais à vida.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, J. J.; TENGARRINHA, J. M. *Historiografia Luso-brasileira Contemporânea*. Bauru/SP: Edusc, 1999. 193 p.

BELLOTTI, K. K. História das Religiões: Conceitos e debates na era contemporânea. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul/dez. 2011.

BOURDIEU, P. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Prospectiva, 1999, p.27-78.

CAMURÇA, M. Da "boa" e da "má vontade" para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro: Iser, vol. 21, nº 1, p. 77-86, 2001.

CERTEAU, M. de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/CERTEAUMAEscritadahistória.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

EISENSTADT, S. (org.). *Multiple modernities*. Piscataway, New Jersey: Transaction Publishers, 2002

FREITAS, M. C. de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000. p.480.

GIUMBELLI, E. *Religiões no Brasil dos anos 1950: processos de modernização e configurações da pluralidade*. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 3, nº 1, p. 79-96, 2012.

HERMANN, J. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.) – *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.329-354. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/menu/BIBLIOTECA/servicosOferecidos/livrosDigitalizados/historia/Do_miniosdaHistoriaCiroFlamarionCardosoeRonaldoVainfas.pdf>. Acesso em: 06 set. 2016.

HERRERA, S. E. R. *Reconstrução do processo de formação e desenvolvimento da área de estudos da religião nas Ciências Sociais brasileiras*. Porto Alegre, 2004. 398f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. p. 325-329.

MARIANO, R. Antônio Flávio Pierucci: sociólogo materialista da religião. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 28, nº 81, fev., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n81/01.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

MARIANO, R.; PIERUCCI, A. F. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos Cebrap*, n. 34, p. 92-100, 1992. Disponível em: <http://www.novosestudos.org.br/v1/files/uploads/contents/68/20080625_o_envolvimento_dos_pentecostais.pdf>. Acesso em: 03 set. 2016.

MARTINS, J. S. *Penúltimas palavras*. Resenha crítica sobre o livro de Helgio Trindade, Ciências Sociais no Brasil: diálogos com mestres e discípulos. São Paulo: Anpocs/Liber Livro, 2012.

NUNES, E. O. Teoria e Metodologia em História das Religiões no Brasil: o estado da arte. *História: Questões & Debates*. Curitiba, n. 55, p. 43-58, jul./dez., 2011.

PETERS, J. L. A História das Religiões no contexto da História Cultural. *Faces de Clio*. Revista Discente de Pós-Graduação em História da UFJF. Vol. 1, N. 1, Jan/Jun 2015.

PIERUCCI, A. F. O. *Igreja: contradições e acomodação: ideologia do clero católico sobre o comportamento reprodutivo*. São Paulo, Brasiliense-Cebrap, 1978. Disponível em: <<http://cebrap.org.br/bv/index.php?r=acervos/busca>>. Acesso em: 04 out. 2016.

_____. O povo visto do altar: democracia ou demofilia?. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 16, p. 66-80, 1986. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/50/20080623_o_povo_visto_do_altar.pdf>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. As bases da nova direita. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 19, p. 26-45, 1987. Disponível em: <https://www.academia.edu/21973049/AS_BASES_DA_NOVA_DIREITA_-_Antônio_Flávio_Pierucci>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. Ciladas da diferença. *Tempo Social*, USP, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 7-37, 1990. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v2n2/0103-2070-ts-02-02-0007.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2016. [atualizei a referência]

_____. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 49, p. 99-119, 1997. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-49/>>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 37, p. 43-73, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200003>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84798/87507>>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. Sociologia da religião: área impuramente acadêmica. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. Vol. II: Sociologia. São Paulo: Sumaré/Anpocs, p. 237-287, 1999. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=644&Itemid=325>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. 'Bye bye, Brasil': O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003>. Acesso em: 12 set. 2016.

_____. A religião como solvente – uma aula. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 75, p. 111-127, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008>. Acesso em: 03 set. 2016.

_____. De olho na modernidade religiosa. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, v. 20, n. 2, p. 9-16, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/01.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2016.

PIERUCCI, A. F. O.; PRANDI, R. Assim como não era no princípio: religião e ruptura na obra de Procópio Camargo. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 17, p. 29-35, 1987. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/51/20080623_assim_como_era.pdf>. Acesso em: 25 set. 2016.

_____. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. *Opinião Pública*, Campinas, vol. III, nº 1, maio, 1995, p. 32-63. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8640991/8513>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda o campo das religiões? In: Hoornaet, Eduardo (org.). *História da igreja na América Latina e no Caribe – 1945-1995, o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 96-97

STEIL, Carlos A. e HERRERA, Sonia R.. Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de focos e perspectiva num objeto de estudo. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, n. 23, p. 354-393, jan./abr. 2010.

TONIOL, R. O censo de 2010: religiões em movimento, perspectivas em diálogo. *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 193-203, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872014000100009>. Acesso em: 31 jan. 2017.